

O Oitenta e Nove

LITTERARIO E SCIENTIFICO.

S. Paulo, 31 de Maio de 1889

PUBLICAÇÃO QUINZENAL.

ANNO I

Nº 6

DIRECTOR

Paulo Teixeira

REDACTORES

Idro Pinto.—Eduardo Fontes.
Mario Pederneiras.—Pedro Motta Junior.
Humberto Machado.—M. de Barros Junior
P. de Castro.—E. Miranda.

REDAÇÃO—RUA DA PRINCEZA 28

Aos que nos lêem..

O nosso estimavel collega I. Pinto de Souza, por motivos imperiosos, privou-nos de sua diligente direcção: as collegas da *Oitenta e Nove*, reunidas, deram-me por muita bondade a chefia.

Aqui estou: o que falta em habilitação, a muito boa vontade se irá supprir.

O jornal continua o mesmo: *Oitenta e Nove* litterario e scientifico; empenhando-me em melhorá-lo, se possível.

A acceitação franca, que a imprensa e o publico têm nos dispensado, anima-me sobre modo e faz-me hypothecar esforços para que continue a merecê-la.

Não me inquiram mais a respeito do nome da folha—não responderei, ou apenas direi: o jornal chama-se *Oitenta e Nove* e não é revolucionario: pela mesma razão porque conheço muita Clara preta, muito Cordeiro zangado, muito Guerra pacifico, e até aqui bem perto conheço um Duque, que é poeta nobre, mas que não tem braços de nobreza, nem o nome inscripto na nobiliarchia patria.

Cousas que não se explicam e que, mais uma vez, vêm provar que o padre-mestre Antonio Pereira, dormita quando nos garante que o nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas.

Quanto ao mais, aqui esta-

mos para aprender, só para aprender. Eusine-nos o sabio.

Contamos, pois, com o auxilio do mais forte, com a franca camaradagem do nosso igual, e com a submissão do que nos for inferior.

Dito isto está dito tudo: resta-nos proseguir.

PAULO TEIXEIRA.

O OITENTA É NOVE

Com o presente numero termina seu primeiro trimestre o *Oitenta e Nove*.

O favor publico, a opinião bondosa da imprensa, e a pouca que valem as nossas lucubrações de estreitos têm-nos felizmente guiado de maneira que por enquanto, ainda não experimentamos propriamente os agredores da carreira em que labutamos.

Continuem essas mesmas anras a favorecer-nos e iremos serena e modestamente adiante na derrota feliz que encetamos ha tres longos mezes e cujo primeiro estadio hoje alcançamos.

Correspondendo a esses auspiciosos prenuncios de ventura, estamos dispostos a tudo fazer, afim de não desmerecermos no conceito publico e geral.

Verdade é, que embora nos esforcemos por apresentar a nossa folha em condições de satisfazer os nossos leitores, talvez não correspondamos aos desejos dos illustrados collegas da *Folha Academica*, que com tanto rigor nos receberam.

Mas, cremos que mesmo com este espinho não nos ha de embaraçar mais a erudictissima folha e concordará conosco, que jámais pretendemos possuir a par dos nomes de nossos modes-

tos e esperançosos companheiros, os dos laureados jornalistas e rendilhadores da phrase—Adail de Oliveira e Barata Ribeiro, dos tersos estylistas e eximios *conteurs* Theodoro Machado e Francisco Brant, dos maviosos e correctissimos poetas Carvalho Mourão e Affonso Carvalho ou do erudicto e profundo grammatico Edmundo Lins, glorias incontestaveis das nossas depauperadas letras patrias, e que tão brilhantemente enfloram o cabeçalho do novo paladino da Academia de S. Paulo. Nunca chegou a tal ponto a nossa pretensão e serão demandado exigentes os nossos collegas se pozermos em parallelo—um punhado de rapazes inexperientes, que, calouros em tudo, tentam ensaiar-se nos prelios do jornalismo, na litteratura singela e nos prolegomenos da sciencia—com os provecos redactores da *Folha Academica*, homens experimentados na gamma variada dos conhecimentos humanos, espiritos apurados pelas investigações difficeis da sciencia e acostumados ás lides da intelligencia pelos muitos estudos que vantajosamente possuem.

Reconhecemos, porém, muita justiça nos preclaros collegas para que ante a nossa insufficiencia, reconheçam tambem o rigor de sua exigencia.

Do publico, da imprensa criteriosa, dos nossos illustres assignantes, esperamos que continuem a nos honrar com sua protecção indispensavel, afim de que possamos, animosos, caminhar avante e corresponder com crescentes melhoramentos ao cavalheirismo e inegado apoio que sempre têm prestado aos que como nós desejam distinguir-se pelo trabalho.

A' toi..

Sim, é impossivel... impossivel este viver! Esse descanço, que em vão meu coração procura tão ardentemente, mais e mais se affasta á medida que delle procura approximar-se. Cada levantar e pôr do sol é mais uma esperanza que se evaa, tão depressa, como é soprado do vento por sobre as verdejantes campinas, sem deixar o menor vestigio de sua passagem...

E ser-me preciso esperar, esperar até que se desfaga a ultima illusão, sem ter ao menos um só meio de fugir a esse tristonho descanço. Os sonhos risonhos de out'ora, um a um fugiram-me, as poucas esperanças que ainda a custo brotavam ao coração, pareciam enganadoras, enfim, não o que antes causava-me tanta alegria, hoje é a minha tristeza.

E tudo isto porque? Porque aquelles olhos maliciosos olhares, que sempre comprehendem, não me pertencem mais, porque aquelles mãos, sempre entrocortadas, não me pertencem mais, porque enfim, não sei mais ainda te perdoar, não sei mais nem poderá dizer-te tudo o que sentia e ainda sinto.

Maio—1889.

Nunca é tarde para dar-se uma noticia...litteraria.

Gomes Cardim, o espirituoso e inolvidavel D. Pedrito de Mello, o escriptor cheio de verca, de Risos e Reflexões, produziu uma comedia a que deu o nome de *Primeiro Cliente*.

Pelos precedentes do *comediographo do Baronato*, imaginamos o que seja o *Primeiro Cliente*.

Parabens ao ex D. Pedrito, hoje, com todo respeito, dr. Gomes Cardim.

Para a Côrte, onde foi assistir o consorcio de uma sua irmã, partiu o nosso distincto amigo e companheiro de trabalhos, Mario Pederneiras.

Breve...

Página de amor

(A CARLOS MACHADO DE OLIVEIRA)

Era por uma d'essas noites calmas e serenas.

Achava-me em minha alcova, acobruhado, triste, taciturno, carpindo as saudades de um ente adorável, de minha querida Alice, que tinha se ausentado. A cabeça escaldava-me, o peito oppresso impedia-me respirar; então, desejoso de um ar livre, de um refrigerante que acalmasse a agitação febricitante em que me achava immerso, abri a janella...

O antigo bairro de S. João havia muito que adormecera. Ao lado d'elle, o colossal oceano, o magestoso Atlantico corria accleradamente rolando nas suas aguas inquietas e murmures. Ao longe, uma sombra vaga e indecisa, quasi rente com as aguas, de uns tons escuros e carregados, denunciava a pittoresca cidade de... Mais além descobria-se uma paisagem immensa, cujos arvoredos ondulavam agitados pelo zephyro.

E, na relva humida do orvalho, pelo verde escuro das folhagens, figuravam de espaço a espaço pequenos vermes luminosos, e, das moutas [espessas] rompia o trillo incessante e monotonico dos insectos.

Ao longe... ao longe o actian saltava a nota tristonha e lugubre do seu canto nocturno.

Comteu... lei em seguida o firmamento, que, recamado das bellas constellações do norte, semelhante o manto azul das virgens dos christãos, parecia que a mão de Deus estendia-se pelo céu!...

Como são bellas e formosas as noites estrelladas da nossa terra!

Como brilham no fundo azul-escuro do céu os astros em myriades!...

Quanta luz! Quanto arôma por essas noites calmas e profundas!...

Do alto, parecia que Deus entornava uma urna cheia de flores de ouro e de perfumes penetrantes!...

Extatico, boquiaberto, contemplava este deslumbrante espectáculo da natureza, quando vejo, como por encanto, desprender-se do firmamento uma estrella, que de subito desaparece, deixando luminosos rastros de sua passagem...

Amanhecera...

Uma manhã esplendida, de um céu azul e limpo, de um sol diamantino e claro e cheio de uns tons alegres e de uma alegria communicativa...

... e então

com o espirito mais socogado e só confusamente recordei-me dos acontecimentos da vespera.

Vesti-me, abri de novo a janella, d'onde através dos vidros, descobria-se ainda a mesma paisagem, cujos arvoredos rociados, agora, pelo orvalho matutino, brilhavam com sciutillantes cores. Nesse momento bateu-me á porta e entra um criado e entrega-me uma carta tarjada de lucto...

Pintar a emoção cruel que n'aquelle momento foi tocar até no mais intimo do meu coração é impossivel..

Comtudo, cobreí animo, passei a mão pela fronte como para espantar um triste presentimento, abri a carta e li o seguinte:

«Caro amigo,

«A tua adorável e interessante Alice rendeu, a noite passada, a alma ao creador... Pedio-me, por todos os santos que havia, que não queria deixar este mundo sem te ver mais uma vez... Mas era impossivel!..

O ultimo nome que pronunciou foi o teu: adeus... adeus... meu querido Raúl, disse ella, e expirou.»

A carta cahiu me das mãos e um grito angustioso... afflicto... unico, como a concentração de todos os esforços n'um derradeiro esforço, escapou-me dos labios e cahiu por terra.

Duas horas depois voltaram-me os sentidos.

Ah!... agora lembro-me, exclamei eu, ainda arquejante, aquella estrella que vi, á noite, desprender-se do firmamento e desaparecer, como por encanto, era a alma de Alice!...

Mas onde iria ella? Qual teria sido o seu destino?!

Passaram-se dias, mezes e eu ainda em monologo interrogava: Alice! Alice! onde estás? onde te refugiaste? não vês como pranteio por ti?! Tem compaixão de minha dôr!...

Em uma noite, se foi sonho ou realidade ignoro, vi-a risonha, resplandecente, vestida de branco e mais bella que nunca, ao lado da Mãe de Deus...

Isidro Pinto

Apezar de ter declinado da affanosa direcção d'esta folha, o nosso collega e amigo Isidro Pinto de Souza, ainda continua a nos distinguir com a sua apreciada collaboração como redactor parcial.

Eleição das flores

(LYRICA)

A manhã lá vem rompendo Fresca, rosada, vernal
E a passarada chilrêa
N'um concerto universal.

Tudo mostra em suas galas
Os luxos primaveris:
O ar, as plantas e as aves
Trocam sorrisos gentis.

No jardim as flores todas
Em grande alvoroço estão,
Pois da mais olente e bella
Vae-se fazer a eleição.

Quando o sol apparecesse
Enchendo de luz o ar
Seria a hora marcada
P'ra votação começar

As flores todas procuram
Mais votos cada uma ter
Pois d'ellas, qual as mulheres,
Nenhuma a feia quer ser.

Chegou a hora. O sol ergue
A cabelleira de luz
E derrama sobre a terra
O seu esplendor á flux.

Garbosa, com ar de mofa,
Disse á outra uma florinha:
—«Irmã, quero ver quem seja
A nossa augusta rainha!»—

Cahem os votos no calix
Da assucena, a flor mais pura,
Um beija flor vai contal-os
Da folhagem na espessura.

Anciosas murmuravam,
As florinhas entre si
Esperando o resultado
Que trazia o colibri.

Fez-se profundo silencio,
Tudo dispôz-se a ouvir:
A passarada callou-se
E o sol fingia dormir.

Então—solemne e orgulhoso
O Colibrio appareceu
E com voz de authoridade
O resultado assim leu:

—«Está eleita—mais bella,
Mais fragante, mais cheirosa,
D'entre as florinhas votadas
A gentil e fresca Rosa»—

Roupeo em geral applauso,
Em hymnos, a multidão,
E a rosa que fôra branca
Tornou-se corada então!...

Maio—1889.

Eduardo Fontes

A vida é um punhado de areia,
e a morte uma rajada de ventos.

Embora não possamos, attenta a exiguidade de espaço, franquear por enquanto as nossas columnas á todos os nossos collegas da Academia, contudo hoje abrimos uma excepção para a variedade *Eu e Tu*, com que mimoseou-nos o distincto collega Jarbas Guariannas. Já haviamos promettido ao publico dal-a na nossa folha desde o numero passado e só hoje salvamos o nosso compromisso.

Apreciem-n'a os leitores.

EU E TU

(A IZIDRO PINTO DE SOUZA)

Em uma caverna, escura, em cujos reconditos a mão do homem, jamais havia tocado, morava a mariposa triste e isolada das lides mundanas.

Cumpria o seo fadario, julgando que a sua existencia seria eternamente escura, sem que uma chispa de luz viesse mostrar-lhe o caminho da alegria!

Assim pensava quando um pyrilampo, ousado, ahi entrou, produzindo um frouxo clarão de luz que estonteando-a fê-la cahir.

O pyrilampo assustado, com o encontro de um corpo, que de animado parecia tornar-se inanimado, ficou por algum tempo, contemplando-a, interrogando-a com o seu silencio!

A mariposa acostumando-se, um pouco mais com a claridade que o pyrilampo de instante a instante produzia e levantando a sua cabeçinha perguntou attonita e confusa:

Como! Que vens aqui fazer inoportuno hospede?...

Não vês, que a tua luz, a tua claridade que espalhas é incompativel com a minha obscuridão, com a escuridão da minha morada?

Bem o sei; respondeu o pyrilampo: Sou um dos mais humildes subditos da rainha dos astros que aqui me enviou para vos levar ás alturas, onde habitamos e onde ha luz e vida; cousas desconhecidas por vós até hoje!...

Pyrilampo! respondeu a mariposa: Me apresentas sem duvida uma proposta capaz de encantar, de fazer delirar o espirito mais calmo; porém duvido de ti e temo atirar-me a estas paragens immensas onde só ha luz!

Como queres que te acompanhe a estes logares onde a existencia pôde ser-me um impossivel! Demais devo desconfiar de ti para não te seguir as pessoas sem pensar.

Pôdes sem duvida, querer trocar o silencio e a escuridão da minha morada, por um abysmo, por uma luz, nas quaes só me possa transparecer a desgraça!

Sim, senhora; exclamou o pyrillampo. As tuas precauções são razoáveis, são oriundas da timidez e da escuridão em que vives; porém ellas se desfazem desde que eu te apresentar a minha rainha a lua, que está n'este momento, começando a rasgar as trevas a meio mundo, com a sua luz prodigiosa!

E para isto, basta que me acompanhes à porta da tua habitação, d'onde poderás vê-la, contemplá-la sem te custar mais do que um pequeno esforço.

A mariposa tacteando seguio-o até a porta onde a escuridão tornava impossível vêr, si não fosse o pyrillampo, e abysmada, attrahida pela luz melancholica e tremula da lua, exclamou:

Partamos, pyrillampo; partamos para esse mundo onde tudo é luz! onde tudo brilha!

Partiram os dois insectos ou antes os dois viajantes, fendendo os ares, e rasgando oceanos de luz, que a lua projetava com o seu brilho, e lá chegaram, onde a mariposa pela primeira vez, via tanto esplendor, tanta felicidade e tanta luz!

Vivia a mariposa alegre e zombando das cavernas, onde havia passado parte da sua existencia quando deparou com uma luz forte, que a attrahia, que a ofuscava!

Como e porque não ir eu até lá vêr aquella luz que me attrahe, si sou poderosa, si não temi empreza mais arriscada?! Si, enfim, já estou acostumada com a luz; dizia a mariposa, que sem hesitar partiu ao seu encontro!

Ahi chegando começou a rodeal-a, afflicta, estonteada, até que as chammas, crestando-lhe as delgadas azas, fizeram-n'a cahir, queimada, carbonizada, morta enfim!

Pois bem, senhora: Mandaste um dos teus subditos, buscar-me das trevas em que vivia para a tua luz immensa; uma outra mais forte attrahiu-me e desapidadamente queimou-me as azas do... coração!

Me ensinastes a amar; porém não me ensinastes a livrar-me das chammas do amor!

E's a luz, forte, immensa e deslumbrante que zomba e ri da mariposa.

Eu sou a mariposa que choro, que estorço-me nas agonias do soffrimento, lastimando, ter-te seguido!

Abril—89.

S. Guarjannus

Fôra da tristeza, ha sómente uma salvação para o coração sensível—a differença.

SUPPLICIO

(A PAULO TEIXEIRA)

Ver-te commigo fria, indifferente,
Não me fitando os olhos tous brilhantes,
Quando eu te sigo em febre, ardentemente
Do corpo as bellas formas elegantes,

Tendo inveja do solo em que teus pés,
Como um sylpho, de leve vais poisando,
E lembrar-me de que tu não me vês
Teu vulto gracioso acompanhando;

Saber que, quando pensas no futuro,
Vês o vulto de alguém que não sou eu;
Ir convertendo eu mesmo em negro, escuro
O sonho que em minh'alma floresceu,

Retirando do peito as esperanças
Que, sorridentes, bellas como um bando
De alegres, seductoras aves mansas
Iam contentes nelle se apanhando;

Eis o supplicio horrivel, que me segue,
Como um castigo atroz de meu fadario,
Que desde o berço sempre me persegue,
Como um algoz cruel e sanguinario,

Pondo a meu lado a dôr, o soffrimento,
De mim distante a paz, a vida calma,
Não consentindo ao menos um momento
Que se dissipe a treva de minh'alma!

B. J.

Ligeiramente

(A PAULO TEIXEIRA)

...Encontrei-a só, á beira de um tumulto. Vestida de branco, ao pescoço um velludo negro, ella collocava sobre a gelida lapide uma rosa escarlata.

Seus olhos, muito pretos, estavam humidos e fitos áquella morada eterna...

Approximei-me da moça, e impressionado com a sua pallidez marmorea, lhe disse:

—Visitas acaso a sepultura de um parente cujo corpo acha-se sob esta lousa?!

—Não! ha um anno que está enterrado n'este lugar o meu noivo... diariamente visito-o e deixo á sua cova uma rosa.

—E porque não deitas á sepultura de teu noivo uma saudade, mas sim uma rosa?!

—A rosa era flôr que elle mais apreciava; era uma rosinha que eu deitava-lhe á *boutouinière* quando ás tardes, nós dois, alegres e felizes, corriamos a apanhar flôres. E hoje, que elle dorme pr'a sempre, — estou certa, si lhe fosse permittido erguer-se da tumba e fitar-me mais uma vez, ficaria contente em vendome vestida de branco e dar-lhe uma rosa...

S. Paulo.

P. M.

VICTOR HUGO

(CANTO DO CREPUSCULO—23º)

Nasce o dia e preguiçosa
Inda dormes, minha bella?
Desperta a rosa, e com ella
Não vaes tambem despertar?

O teu amante
Escuta agora;
Ouve-lhe os cantos,
E a voz que chóra!

Em tua porta adorada
A aurora diz:—Sou o dia!
A ave:—Sou a harmonia!
Meu coração:—Sou o amor!

O teu amante
Escuta agora;
Ouve-lhe os cantos,
E a voz que chóra!

Anjo,—minha alma te adora;
Mulher,—tens o meu amor:
Deu-me Deus olhos e ardor
Só p'ra ver-te e te adorar!

O teu amante
Escuta agora;
Ouve-lhe os cantos,
E a voz que chóra!

Maió—1889.

Humberto Machado.

Seguiu para Minas o nosso intelligente collega Americo de Campos Sobrinho.
Boa viagem.

Madrigal

Clotilde!

Nome adorado é o teu, ó minha amada. N'elle está o palpitante constante do meu coração amoroso.

Minh'alma embevecida de volúpia, então o teu nome como um hymno de saudades, harmonioso e santo; e lá onde habitam os anjos — na mansão dos amantes e dos justos, — entre hosannas de amor, echôa, nos mais doces accordes das harpas celestes, o teu nome adoravel!...

**

Clotilde!...

Ao surgir o dia, entre as nevoas rosadas das madrugada louças, no doce aconchego dos ninhos, o teu nome no gorgear festivo das avezitas mimosas.

O hymno do carinho, os threnos do amor, ó minha amada, foram compostos com as letras ideaes do teu singelo nome. E oito letras sómente, meu amor, formam essa orchestra harmoniosa do incola dos ares!...

**

Clotilde!...

Nome unico!... doce effuvio que me inundas a alma de prazer e os sonhos de ventura! Mixto suave de ambrozia e de tudo o que é puro, leve, candido e ideal! E's terno como uma prece e angelico como um sorriso! Feliz de quem te possui: não é só mulher—é anjo; não é só anjo—é flôr!...

Possa eu morrer Clotilde, embalado ao som mavioso do teu angelico nome!...

1889.

Eduardo Fontes.

Para a mulher todas as indifferenças a torturam; mas nenhuma é mais humilhante que a do homem que a amava, e cujo amor ella fez cessar.

Mais um anno pesa sobre a lousa, que guarda os despojos do maior genio poetico do seculo —Victor Hugo.

A'quelle que fez cahir o imperio, ao auctor da *Marion*, dos *Miseraveis*, todas as homenagens devidas ao seu genio asombroso.

Victor Hugo, passando da vida á Gloria, não morreu: viverá eternamente na Gloria.

